Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

Casa de
Oswaldo Cruz

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ

WLADIMIR LOBATO PARAENSE

(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - Memória do Centro de Pesquisas René Rachou

Entrevistado - Wladimir Lobato Paraense (WP)

Entrevistador - Eduardo Vilela Thielen (ET)

Data - 18/09/1990

Local - Rio de Janeiro

Duração – 2h

Transcrição - Nathacha Regazzini Bianchi Reis

Conferência de fidelidade - Laurinda Rosa Maciel

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

PARAENSE, Wladimir Lobato. *Wladimir Lobato Paraense*. *Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória do Centro de Pesquisas René Rachou*, 1990. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 28p.

Data: 18/09/1990

Fita 1 - Lado A

ET - Doutor Lobato, como se deu sua ligação com a pesquisa científica em Minas Gerais?

WP - Eu estive em Minas Gerais, uma vez, designado pelo diretor do Instituto Oswaldo Cruz, doutor Aragão, em 1942, prá fazer estudos sobre... (Interrupção) Prá fazer estudos sobre fogo selvagem, uma doença de pele, pênfigo foliáceo. Uma doença que estava grassando muito em algumas partes de Goiás, São Paulo e Minas Gerais, e como em Minas Gerais apareciam muitos casos na vizinhança da Santa Casa, parecia que havia alguma transmissão, porque os doentes iam prá Santa Casa e pessoas morando na vizinhança contraíam a doença. Então suspeitava-se que houvesse um transmissor, um inseto, um mosquito, ou coisa parecida, ou uma maneira diferente e outra, de contaminação, portanto, o Aragão recomendou que fosse investigar isso. Então estive lá a primeira vez uns dois, três anos, de estudos e aí cheguei à conclusão que não era assunto prá mim, prá minha especialidade, que eu mexia com a Biologia, protozoários. Então, eu andei fazendo experiências em macacos, em camundongos, e inoculações, e olhando a epidemiologia da coisa, achei talvez que se tratasse de um vírus que fosse o causador, e como eu não tinha experiência em Virologia, então fui até esse ponto, aproveitei prá fazer uns outros trabalhos nas horas vagas, aí eu voltei, estou aí, porque nesse período abriu-se um concurso, eu era funcionário, mas não efetivo, e abriu-se o concurso público e eu fiz concurso prá o quadro do Instituto, prá efetivação, concurso do DASP, Então eu ia, vinha, fazia o concurso, a prova, voltava prá lá, e durante o período eu fiz o concurso, quando fui nomeado definitivamente, para tomar posse formal e resolvi voltar de uma vez, então fiquei aqui, de 45, mais ou menos, até 1950, por aí, 50, 51, que nessa ocasião, nesse espaço de tempo mudou a direção do Instituto. Doutor Aragão se demitiu e se aposentou e entrou o doutor Olympio da Fonseca, doutor Olympio mais ou menos em [19]50. Ele me propôs ir a Minas Gerais, fazer estudos lá da bouba, e outras doenças endêmicas. Aí eu voltei prá Minas Gerais. Na primeira vez eu fiquei, aluguei uma casa e estava numa dependência da casa; doutor Aragão me recomendou que eu trabalhasse em casa e também na Santa Casa, os doentes da Santa Casa, mas eu tinha um laboratório em casa, por ocasião de problemas lá de, nós tínhamos uma filial de Manguinhos, que era o Ezequiel Dias. Esse Ezequiel Dias nesse tempo estava passando por um período mal, o governador era o Benedito Valladares e ele resolveu que o Ezequiel tinha que mudar de rumo, pôs aquilo na Secretaria de Agricultura, quer dizer, ficou meio quebrado o vínculo com Manguinhos, que ele queria explorar produção.

ET - Isso foi antes da sua ida prá Belo Horizonte?

WP - Foi antes, e quando eu fui estava nesse período, não é?

ET - Já era do Estado?

WP - Já era do Estado, já era do Estado, e também muita dissensão interna no Ezequiel Dias e o doutor Aragão recomendou assim: "Você não se meta, não vai prá lá porque vão te meter nas complicações", como se diria hoje, na fofoca, não é? Então, eu aluguei uma casa e uma dependência que ele mandava o recurso prá pagar essa diferença que, da dependência, onde eu montei meu laboratório, porque eu também mexia com malária experimental em bichos. Eu tinha que criar mosquito e tinha que ter um negócio muito bem seguro prá criar *Aedes Aegypt*, e fazer as minhas experiências em animais. Bom, então fiquei esse tempo lá, na primeira vez. Depois quando voltei em [19]50, mais ou menos, aí Olympio já me recomendou, outra coisa: "Você vai trabalhar no serviço do Otávio Magalhães", Otávio Magalhães era o professor de Fisiologia lá da Universidade, na Faculdade de Medicina, e era daqui, tinha sido do Instituto, foi prá Belo Horizonte, ficou lá, mas tinha um vínculo com o Instituto. Como era antigo membro daqui, ele tinha um laboratório dele prá ele poder fazer pesquisa; ele trabalhava em tifo exantemático, prá poder fazer as pesquisas dele, porque não tinha recursos nenhum nessa ocasião. A universidade era pobre, então, ele tinha uma coisa que chamava posto de estudos do Instituto Oswaldo Cruz, mandava uma verba prá ele, uma verba que dava prá ele tocar as experiências dele, ter os animais, material. Doutor Olympio me recomendou que eu ficasse com ele, então eu fui. Fiquei na faculdade de Medicina, ele me deu lá uma sala e eu me instalei. Nesse tempo eu ia e levava, por exemplo, na estrada de Ferro, fretava um vagão da estrada de ferro, botava todo o laboratório lá e levava tudo. Então, trabalhei nesse tempo junto com Otávio Magalhães, em [19]51, 52, 53. Em 50 também, uns três ou quatro anos trabalhei lá. Não era tudo muito bom, eu podia fazer o meu trabalho. Isso aqui estava, eu considerava já em decadência, de modo que aqui prá trabalhar era difícil. Não tinha recursos, não tinha nada e lá, eu estando lá, eles me mandavam uma verbazinha, uns dois mil cruzeiros, que dava prá comprar coisas. E com o que eu tinha, lá pelo menos com o pouco que tivesse, podia trabalhar mais do que ficar aqui com tudo, mas no Instituto estava realmente muito difícil trabalhar aqui. Não tinha condições, decadente, não é?

Então, lá prá mim foi uma salvação, porque podia desenvolver trabalhos... trabalhos que até hoje eu considero bons trabalhos publicados em revistas inglesas. E revistas inglesas de categoria, então pude fazer, esse período lá, mas não havia comodidade. A sala era muito mal, era pequena, acanhada, tinha goteira, e prédio velho. Não é só universidade, é faculdade nova. Nesse tempo era um pavilhão, umas coisas muito ruins, então, onde ele ficava era um pavilhão muito velho; chovia, estragava o material, eu tinha que repetir a experiência.

Eu fiz um trabalho sobre leishmaniose que se fosse em boas condições eu faria mais ou menos uns quatro a cinco meses. Eu levei uns dois anos prá fazer, completar esse trabalho, mas foi bom. O único desestímulo que tinha era essa pobreza e de qualquer modo um isolamento porque o professor Magalhães trabalhava em tifo exantemático, mas ele se preocupava lá com o ensino da Fisiologia e fazia uma experiência de tifo exantemático que não era do meu interesse. De modo que eu estava isolado, mas preferi assim, estar aqui com muita gente em torno, mas sem poder fazer nada. Bom, então depois de uns três anos, ou quatro eu recebi um convite do SESP, Serviço Especial de Saúde Pública, hoje é a Fundação SESP. Eles tinham um trabalho lá em Minas, na região do vale do Rio Doce; tinham também trabalho na Amazônia, hoje eles são os proprietários do Instituto Evandro Chagas, lá no Pará, é do SESP, já foi de Manguinhos, atualmente é do SESP, há muitos anos. Então eles tinham o serviço do SESP lá no Nordeste, na Amazônia e em Minas Gerais, sabe a história lá do SESP, como ele foi criado?

ET - Parte da Rockefeller, não é?

WP – É, prá ser um serviço especial de saúde pública. Não foi o Rockefeller, foi o governo americano, atualmente a Rockefeller também participou, mas era o governo americano e o governo brasileiro. Então prá poder ter um serviço de saúde efetivo durante a guerra, prá poder extrair minério e extrair borracha, extrair caucho e sanear a região e manter, pelo menos, o pessoal trabalhando em condições sanitárias, de uma maneira que o Serviço Nacional de Saúde não tinha condição, não tinha eficiência nenhuma e agilidade nem flexibilidade prá poder tocar um trabalho desse tipo. Então, o SESP foi criado prá isso e eles preocupavam em Minas, lá no Norte era [com] malária, que eles, era um problema grande pro seringueiro, e em Minas Gerais eles extraíam minério de ferro. Dali, daquela região do vale do Rio Doce, Governador Valadares, aquela região toda e tinha muita malária e tinha muita esquistossomose. Então, o trabalho do SESP era manter o pessoal da, os trabalhadores, principalmente, as populações livres dessas duas doenças e coletar. Eles estudavam a esquistossomose, tinha um grupo de pesquisa e tinha um laboratório prá esquistossomose sediado em Aimorés, na fronteira com o Espírito Santo, no vale do Rio Doce. Ali eles procuravam estudar os caramujos transmissores da esquistossomose e epidemiologia também, mas a meta principal era estudar o caramujo porque nessa ocasião havia muita confusão sobre a transmissão da esquistossomose, os transmissores da esquistossomose. Havia uma corrente que dizia que todo caramujo enroladinho chato era transmissor, era uma espécie que era transmissora. Outros diziam que podia ter espécies que não transmitissem, e outros aí até que dissessem 17, 18 espécies, entre uma e 17 e 18; oscilavam as opiniões. Então o SESP não estava interessado em pesquisa fina, pesquisa mesmo, como se dedicar à pesquisa, eles tinham que resolver um problema prático, era combater esse caramujo. Eles chegavam no lugar, tinha um caramujo de um jeito e outro de outro jeito e uns diziam tudo é a mesma coisa, é a mesma espécie; outros diziam tem duas, tem três e eles queriam saber primeiro se havia uma ou mais; se houvesse uma espécie tinha que combater essa espécie onde estivesse, não é? Se houvesse duas podia ser que uma transmitisse e a outra não; se tivesse mais de duas podia haver uma transmissora, ou duas transmissoras, outras não transmissoras e prá evitar estar gastando dinheiro com tudo eles tinham que poupar da que não fosse prá combater melhor a que fosse transmissora. E o programa deles era esse, saber como combater, a que combater, e eles estavam já há oito anos trabalhando, já tinham terminado a guerra, de modo que, prá terminar a guerra, terminar o convênio, mas o trabalho deles era tão bom junto às comunidades que as próprias bancadas de congresso, essas comunidades onde eles operavam, protestavam e não deixavam que acabasse. Eles votavam verba prá continuar porque o serviço deles realmente era, até certo ponto, mais eficiente que o oficial do governo mesmo; então, eles foram ficando, em Minas Gerais todos os deputados, governadores de Minas estaduais, federais e Câmaras municipais dos lugares em que eles operavam, faziam questão que eles permanecessem, então eles continuaram a trabalhar, combater essas doenças e já estendendo as atividades a outros campos, outros tipos de atenção em Saúde. Mas o problema grande que eles encontravam era esse: definir a questão dos transmissores ou do transmissor da esquistossomose. Eles estavam quase há oito anos pesquisando em grupo e chegavam a desconfiar que havia mais de uma espécie, mas aí faltava, os médicos, sanitaristas ou biólogos muito rudimentares, práticos, e não tinham conhecimento científico prá poder aplicar quando era preciso. No fim, eles resolveram transferir esse laboratório, fizeram lá, articularam uma ideia de tirar lá do interior, talvez porque estava lá no interior, em Aimorés, não podia atrair gente prá trabalhar nisso, trazer o laboratório prá Belo Horizonte, e desenvolver melhor os estudos.

Então, as pessoas tinham que estar em contato com essas regiões, com o trabalho feito em Belo Horizonte com mais condições. E me procuravam prá ver se eu cuidava disso, eles me contratavam, e eu ia então ajudar a resolver esse problema. Nesse tempo, eu não estava mexendo com caramujo assim, prá saber espécies... eu pegava caramujo no campo prá ver se estava infectado ou não. Não estava interessado em espécies, mas eu não quis, a princípio, não sei porque, eu achei que não me agradava, mas aí eu já tinha lido muito sobre essas questões e vi que o negócio era muito complicado; na África tinha problema na esquistossomose também e era uma confusão terrível e eu lia aquilo e a gente via e não entendia. Cada um dava um palpite e nessa ocasião, há pouco tempo antes, eu estava muito descrente desse assunto... o professor da Bélgica, um professor da Universidade de Anver, que vivia no Congo-Belga, ele passava a maior parte do ano lá, coletando material e estudando esquistossomose. Professor na Bélgica, mas como o Congo pertencia à Bélgica, ele vivia lá e naqueles países próximos, Tanganica, e ninguém esperou de ele estudar a coisa. Porque ele estudava epidemiologia, mas os caramujos, ele mandava para os grandes centros da Organização Mundial de Saúde, prá França principalmente, pros laboratórios credenciados e cada vez ele mandava uma coisa diferente. E ele chegou à conclusão, naquela ocasião ele tinha chegado à conclusão, num congresso que houve ele apresentou lá um relatório, um trabalho grande, dizendo que esse problema não tinha solução porque os especialistas não se entendiam. E dava uma porção de exemplos: mandava os caramujos, pegava assim, 100 caramujos num lugar, dividia em 10 lotes de cada um, eram todos da mesma espécie, e mandava prá 10 especialistas, cada um dava um nome diferente, às vezes coincidia um com o outro, mas geralmente quase sempre os nomes eram diferentes. Então ele não entendia qual era o verdadeiro daqueles nomes, e mandava dizer: "Esse caramujo que os senhores classificaram como tal, de tal, e não foi de lá mesmo, houve um engano aqui na rotulagem", aí o sujeito não se considerava como existindo aquela espécie, aí o sujeito dizia: "Bom, houve um engano também porque você tem essa espécie, é outra", e o homem então topou que se abandonasse esse tipo de estudo porque esses caramujos não obedeciam às leis da taxonomia, as leis, os princípios que a gente chama da sistemática, sistemática biológica; eram bichos diferentes, estranhos, que então era esse o problema que a gente encontrava porque também pensei porque que eu vou me meter nisso? Prá entrar nessa confusão, porque eu achava que esse grupo era difícil, por causa dessas coisas todas, e achei que não convinha, mas o pessoal insistiu, insistiu e no fim me deram um prazo, acho que uns três meses prá eu, já próximo do fim do ano de 1953... eu digo: "Bom eu vou pensar, deixa chegar mais pro fim do ano que eu termino as minhas coisas aqui e eu vou ver". Eu tinha então que sair de onde eu estava, e ir para outro lugar, mas em Belo Horizonte mesmo, e aí pensando, de vez em quando eu pensava nisso, até que eu vinha todo mês aqui, prá biblioteca, porque lá em Belo Horizonte não tinha as condições que tem aqui, hoje está melhor, mas mesmo assim a Biblioteca de Manguinhos é a melhor prá esse tipo de assunto. Então todo mês eu vinha aqui, passar três, quatro dias estudando, vendo a bibliografia daquele mês e voltava. Ia dar uma volta pelas livrarias, até que num desses meses, lá prá novembro mais ou menos, eu passei, eu sempre ia na Livraria Kosmos, lá na cidade, tinha muito livro de Biologia e peguei lá, vi, um livro sobre Nova Sistemática. Era uma nova proposta prá esses estudos de classificação, taxonomia, dedicado principalmente ao que eles chamavam grupos difíceis, aqueles grupos de animais e vegetais que são complicados, e propondo uma abordagem multidisciplinar. Uma porção de coisa bonita! E eu peguei aquele livro, passei a vista no prefácio e no índice e vim lendo no avião, e me entusiasmei com o negócio, eu disse bom esse negócio virou de confusão e coisa, vale a pena sentar e resolver. Então peguei o negócio, e esses dois meses

eu fui até o fim do ano revendo uma porção de coisas de genética, de evolução, coisas que eu já tinha lido e já tinha me esquecido, fazendo uma reciclagem das coisas que eu ia precisar de usar: Ecologia, Genética, Evolução, Paleontologia, andei intensamente vendo isso, e em janeiro, então, eu fui pro SESP, eles alugaram uma casa grande lá, me instalaram, botaram em obras, mas eu fui logo. Primeiro de janeiro, dois de janeiro, fui lá, levei tudo o que era meu, comecei a trabalhar lá, agora eu digo, eu pertencia ao instituto, mas a coisa estava tão ruim aqui que eu não precisava nem avisar... eu ia prá onde eu queria, levava as minhas coisas e ninguém me perguntava, né? Eu recebia o meu salário, era mandado pelo Banco do Brasil, de modo que se eu quisesse trabalhar, trabalhava; se não quisesse, não trabalhava. Nesse tempo já havia outro diretor aqui, era o, não era, acho que era o Laranja, ou ainda não era o Laranja, eu sei que mudou várias vezes a direção, ou Xavier, Antonio Augusto Xavier. Era um deles, eu acho que era o Xavier. Pelo menos eu, no último ano em que eu estive no SESP, o Xavier me visitou lá, então eles nem sabiam, não é? Então eu me mudei prá lá, e levei tudo que era meu e comecei a trabalhar. Agora eles queriam que eu deixasse o instituto e fosse nomeado pro SESP, mas eu não quis, eu disse, olha, vocês, porque o SESP me pagaria muito mais, pagaria mais de duas vezes o que eu ganhava no Instituto porque o salário aqui também não era grande coisa, mas eu preferi não deixar o instituto. E eles me disseram, bom assim nós não podemos lhe pagar, mas não tem problemas, eu deixei, eu passei prá lá e consegui uma bolsa prá suplementação de salário, prá melhorar um pouco. Consegui a bolsa depois eles me deram uma gratificação. Bem, isso é uma coisa pessoal, não tem nada que ver com o assunto, aí fiquei lá trabalhando, isso eu só digo prá mostrar que eu não aceitei deixar o instituto prá passar, porque eles queriam cortar ligações. Eles diziam: “Mas você não tem ligação nenhuma porque você vem prá cá e nem pergunta se pode”, eu digo: “Bom, deixa isso comigo, interessa é que eu trabalhe”, eles pensavam que eu ficar como eu estava. Se eu não fosse pro SESP, ficaria em Manguinhos, onde eu estava e ficaria lá dando uma assistência a eles, e isso realmente me disseram depois que esperavam que eu fosse lá sim. Orientava o pessoal que estava trabalhando, mas um assunto desses não é prá orientar ninguém porque o pessoal tinha que ter um embasamento que eles não tinham. Então eu mesmo tinha que fazer, com a ajuda de elementos de lá. Então acertou-se isso: eu ficava lá sendo do instituto, ninguém ia me tirar de lá e desenvolvia o trabalho, ou então saber basicamente quantas espécies, no caso de ser mais de uma, todas transmitem, não. No caso de nem todas transmitirem quais transmitiam, quais não transmitiam e no caso de ser assim, como distinguir as que transmitem das que não transmitem prá poder poupar trabalho em cima das que não transmitem. Quer dizer o problema é todo prático, era não gastar recursos, não é? Gastar recursos indiscriminadamente ou especificamente. Trabalhei muito porque tinha tudo prá ver, então um trabalho intenso, não é? Em três anos, 1953, 1954, 1955, 1956. Três anos, no fim de dois anos, mais ou menos, já estava definido que havia cinco espécies, agora que dessas cinco espécies, duas transmitiam, três não. As duas que transmitiam, eram classificadas desse jeito, reconhecidas assim, tudo certinho. E nessa, quando estava tudo já esclarecido, era coisa que a gente não esquece. É que foi o diretor dessa área de Doenças Endêmicas da Organização Mundial de Saúde, professor aqui iraniano, professor Ansari. Ele fez uma visita ao Brasil, e passou no nosso laboratório, no SESP, e querendo ver como é que a gente estava trabalhando, porque era o problema da África, espécies, mas estava uma confusão, e ele queria saber como é que a gente estava trabalhando. Ele ia me dizendo: “Olha eu não acredito em solução para esse problema, lá na África não sai solução. A OMS se dedica, investe e tem laboratório na Dinamarca, tem laboratório em Paris e Portugal, o pessoal trabalhando, inglês, também os institutos de doenças tropicais de Londres, Liverpool,

tem na Bélgica, tem na Holanda e a coisa é confusa, não é?", eu disse prá ele: "O senhor é professor de Parasitologia, o senhor conhece os órgãos do molusco, assim, dissecado?", ele disse: "É... tenho uma ideia". Aí eu peguei as cinco espécies que a gente considerava e dissecadas lá, eu tinha assim aquele material, botei assim as plaquinhas, as cinco espécies, sem dizer quais eram, e dei prá ele, um cartão com uma chave anatômica, prá você poder na Anatomia ver as características do que é uma chave dicotômica, prá pessoa seguindo ali, classificar. Ele em 30 minutos, mais ou menos, classificou as cinco, e ele ficou animado: "Bom então isso prá mim está resolvido", eu digo: "Bom, está resolvido nessa área do Brasil, isso aqui vai em Minas Gerais, agora Nordeste possivelmente, Amazônia tem pouquinho, mas isso aqui é prá essa área, prá se estender os estudos em outras áreas vai se resolver", então ele me disse: "Não sei porque que não faz um projeto prá estudar isso nos países da América", eu digo: "Olha, prá estudar isso eu tenho duas maneiras, ou me associar com laboratórios aí, e eles mandam material prá eu estudar, mas até aí eu tenho que ver as condições de como vive o bicho, tenho que preparar material adequadamente prá estudar, senão sai tudo errado, então a gente pode associar com eles, mas eu não acredito que isso funcione assim, eu vou ter que apanhar os bichos nos lugares. Ir lá, coletar, preparar, prá poder estudar" ... eles, então, me pediram um plano, de estudos, 'você me manda', e aí eu fiz o plano. Vi todas as espécies que havia no continente americano todo, dos Estados Unidos até o sul da América do Sul. As espécies que eram consideradas, os nomes que havia, havia mais de 200 nomes, que podiam ser 200 espécies ou não, seriam muito menos, e eu perguntei prá ele: "Bom, eu preciso se for o caso, de ir, fazer plano de viagem, passando por esses lugares, de três em três meses fazer um percurso, coletar material, chegar aqui, estudar, assim a gente faz, ou então, a mais longo prazo, com associações, a Organização Mundial de Saúde tem condições de associar-se aos laboratórios, porque eles têm representantes em todos os países. E ele aí recebeu um pedido, a carta, ele estava viajando prá Teerã, e me disse: "Eu estou de férias, vou passar em Teerã, na volta eu lhe dou a resposta". A resposta que ele deu foi a seguinte: "Eu recebi uma carta de Washington reclamando que eu estava querendo fazer estudos disso e iam me socorrer com Genebra e não com Washington". Ciumeira, não é? Que sempre houve entre a OMS a OPAS. E digo, bom, ninguém me ofereceu, foi ele que me ofereceu, foi ele que me ofereceu. E aí a coisa ficou assim prá resolver. Bom, então, em meados de [19]56, estava já nesse pé, eu considerava o problema ali resolvido. Prá eles. Prá mim, não! Eu gostaria de continuar, me afeiçoei pelo assunto e gostaria de prosseguir estudando e esmiuçando tudo, estudando espécies de outros grupos que não têm nada a ver com esquistossomose, mas são importantes prá um pesquisador. Mas prá eles eu já vi que já estava a resposta dada, elas já sabiam o que fazer e bom, quando chegou assim, aí eu pedi ao CNPq uma pequena viagem prévia antes de andar por aí pela OMS ou OPAS prá poder fazer. Era um dos problemas agudos; ia fazer uma viagem, o CNPq, eles me deram essa viagem e durante os meses de outubro e novembro eu estive viajando. Eu fui ao Peru, à Bolívia, México, Cuba e Venezuela, onde havia problemas que influíam na solução dos nossos problemas. Tinha que resolver problemas de espécies desses lugares. Então, eu fui e fiz as coletas todas durante quase dois meses e voltei cheio de material prá poder ter um avanço grande. Bom então eu pensei, agora o SESP vai ter uma produção maior, mas quando chegou o dia 15, dia 18 de dezembro, eu estava, eu ficava até mais tarde no laboratório e o diretor local de Minas Gerais, tinha o nosso laboratório dirigido por um deles. Era o diretor, eu não podia ser diretor de laboratório, pesquisador, tinha esse diretor, nós tínhamos esse diretor de Minas Gerais, do estado.

Fita 1 - Lado B

WP - Eles funcionavam na secretaria de Saúde, tinha lá uma ala, que a secretaria cedia prá eles, é a parte de escritório; agora eles tinham postos de saúde no interior, na capital não tinha nada. Era só a direção e no interior e no vale do Rio Doce, eles tinham vários postos de saúde, hospitais, tinham muita coisa instalada, e serviço de Engenharia Sanitária, abastecimento de água, isso tudo pelo interior, e em Belo Horizonte a direção e o laboratório. Então, ele me telefonou assim pelas quase cinco horas, já além do meado de dezembro, eu calculo que foi entre 18 e 20 de dezembro. Foi um negócio assim, em cima da hora, ele me disse: "Você vai sair agora", eu digo: "Não", "Então eu vou aí conversar". Apareceu lá, conversou e tal, me disse: "O SESP resolveu extinguir o laboratório". Eu digo: "Bom, então quer dizer que eles estão satisfeitos. Não é por ineficiência, é porque resolvemos os problemas. Ah, justamente, sabe o SESP não era um lugar de pesquisa, nós fizemos essa pesquisa porque estávamos com uma emergência. Agora não precisa mais, então, está resolvido o nosso assunto. De modo que nós vamos fechar o laboratório no dia 31 de dezembro", eu tinha 20 dias, o Natal pelo meio... prá mim não foi problema porque eu era daqui. No dia em que eu quisesse eu me mandava prá cá e tinha que ter o laboratório aqui prá eu trabalhar; tinha o meu emprego, cargo efetivo, quadros, concursos, porque ninguém mexia comigo, mas foi ruim porque eu pensei está ruim porque agora prá recomeçar, eu tinha todo esse material da viagem, que eu fui nesses cinco países, e tinha muito o que fazer, mas depois disso acabava e como é que ia ser, não é? Aí acho que não teve problema, aí ele me disse: "Não você não se preocupe com a sua situação porque nós já acertamos; o SESP já acertou com o doutor Pinotti e ele quer você lá na malária". Nesse tempo ainda não tinha o Departamento de Endemias Rurais, a SUCAM, que veio depois, era o Serviço Nacional de Malária, Febre Amarela, de Tuberculose, Serviço Nacional de Câncer, Lepra, tudo eram Serviços Nacionais, não é? Dirigidos pelo Departamento Nacional de Saúde. Tinha o Serviço Nacional de Malária, e aí já tinha instituído por causa do problema da esquistossomose que começou a despertar nessa época. Eles fazerem um trabalho sobre esquistossomose, caramujos e moluscos, tudo, mas esse Serviço não era independente, autônomo; era a malária, o Serviço Nacional de Malária, que cuidava da esquistossomose, até que houve uma reforma e criou o Departamento Nacional de Endemias Rurais. Aí sim, eram 11 endemias entre as quais a esquistossomose, no Departamento. Então ele me disse: "Nós combinamos, o doutor Pinotti...", doutor Pinotti era o diretor do Departamento Nacional de Endemias Rurais. Ele tinha muito interesse em esquistossomose também, tinha obrigação com isso, você não se preocupa porque você vai trabalhar na malária com o Pinotti", eu digo: "Não, eu não fico preocupado com isso, eu tenho um emprego e eu me preocupo em interromper um", "Não, doutor Pinotti garantiu que você terá tudo lá". Eu tinha que vir pro Rio, e eu viria se eu conseguisse talvez, se eu voltasse pro Rio e não achasse condições, eu viria, mas eu pensei muito, eu não gostava muito do modo do Pinotti. O Pinotti era um sujeito ativo, dinâmico, um excelente administrador, tudo, mas não dava bola prá ciência, era um negócio assim prá, resolver como o SESP, resolver um probleminha, mas não dava, não tinha, sentia assim que ele não prezava a ciência e o cientista. Tanto que um colega nosso que até anda por aí, ele trabalhava com o Pinotti, diretamente em malária, médico, trabalhava no campo, ia pro campo fiscalizar os guardas-sanitários. Era um trabalho fiscalizar os guardas-sanitários, ver se estavam coletando as larvas direito, no horário, e também fazendo alguma coisa lá, muito pouca, sobre

epidemiologia de malária. Uma pessoa sem instrução científica, sem preparo científico, muito prático, médico, mas muito fraco, e esse camarada teve uns problemas de saúde e fez um check-up e viram que ele estava com sífilis cerebral, sífilis nervosa, quer dizer, neurossífilis. Isso é uma coisa que liquida a pessoa, quer dizer, pelo menos estanca a evolução mental do indivíduo, no ponto em que estava, geralmente. E nesse tempo ainda não se usava penicilina como hoje, era malarioterapia; um negócio que era prá aposentar a pessoa, com os sintomas que ele tinha. E ele disse, não, não se preocupe, não, agora doutor Pinotti, ele mesmo me contou isso, a pessoa interessada, como é que vai ser, agora eu vou parar de trabalhar, ele disse, não, não tem problema, agora você vai prá pesquisa. E aí pediu pro diretor do instituto aceitá-lo aqui prá dar um encosto a ele prá ele fazer pesquisa. É a última coisa que um indivíduo pensa que uma pessoa que tem neurossífilis, que ataca o sistema nervoso, o cérebro. Bom agora você vai ser pesquisador ao contrário, é preciso ter um cérebro sadio prá fazer pesquisa; não é um doente cerebral, ou sistema nervoso, ou isso, vai prá pesquisa. Quer dizer o pesquisador é uma pessoa que fica aí, sentada pensando, não precisa de fazer força, fazer força é no campo, pegar sol, é dar o duro, bom, então essas coisas que eu pensava, digo, não vou trabalhar, e depois não me agradou, porque depois eu soube e eu desconfiei, mas depois eu soube que houve um congresso de higiene em Fortaleza, nesse ano em junho, que eu estive, Pinotti esteve, esse pessoal todo esteve. Eu apresentei uma porção de trabalhos e resultados desses trabalhos e nessa ocasião eles já sabiam que iam acabar com o SESP. E já tinham negociado com o Pinotti prá eu ir prá lá, quer dizer, já tinham negociado o meu passe sem eu saber, e podiam me avisar: "Olha vai acabar", prá você poder pensar, eles avisam 10 dias antes de acabar o Serviço que ia acabar tudo. Quer dizer, se eu tivesse lá no SESP, podia ser que eles teriam que fazer o que eu mandasse, mas eu pensei: "Puxa, não é direito, porque a gente tem que pensar, arrumar a cabeça, ver o que que vai fazer", eu pensei, bom não tem problema. Não, mas como é que você vai fazer? Eu vou prá, volto pro Rio, eu vou prá Manguinhos, e aí comecei a arrumar as coisas prá sair, combinei, eu tinha laboratório lá e combinei com a companhia de transportes, a transportadora prá trazer, mas eu tinha que entrar em contato aqui prá pagarem a mudança do meu material, eu pagaria a minha mudança pessoal e de procurar lugar prá morar aqui, mas aí eu vim ao Rio logo, não é? Eu vim ao Rio logo, e falei aqui que eu ia voltar, o diretor disse, mas não tem laboratório prá você, porque o seu laboratório já está ocupado com outras pessoas. Eu disse, está bom. Mas aí eu fui ao CNPq porque aí eles me davam uma gratificação, mas aí havia um alemão muito competente, e um neurologista que estudava água doce e prá estudar água, rios, lagoas, isso estava muito ligado aos caramujos porque dá malária também. Então eles queriam esse alemão lá, mas o alemão não quis ser contratado; o alemão quis receber um pró-labore, ele foi contratado assim... a título precário. Ele não quis assumir mesmo o lugar e ele discutindo o salário, ele chegou num ponto em que o SESP não podia dar além de uma quantia e ele pediu mais dois mil cruzeiros. Nesse tempo dois mil cruzeiros valia, não é? E o SESP não podia, o regulamento lá não podia porque ele ia ganhar mais do que o chefe dele. Eu sugeri: "Faz o seguinte: como a gratificação que vocês me dão é pequena e não alcança nível nenhum prá ultrapassar ninguém, vocês, eu tenho dois mil do CNPq. Eu cedo, eu combino lá no CNPq passa prá ele, que é um sujeito competente e vocês me dão esses dois mil, quer dizer essa pessoa você dá só o salário dele e o CNPq dá os dois mil que ele está querendo, e vocês, os outros dois mil vocês dão prá mim e fica tudo como estava, assim está".

Então eu não tinha mais ligação com o CNPq e prá eu vir prá cá eu tinha que ter despesas também, porque eu ia perder essa gratificação, a gente acostuma com aquele salário melhor. Então, arrisquei, eu vim aqui ao Rio combinar e fui ao CNPq, e procurei lá o presidente do

CNPq, disse, eu estou, o vou, o Accioly ficou com a minha parte e agora eu não tenho nada do CNPq e eu estou querendo uma complementação salarial, que eu vou voltar pro Rio e aqui a vida é mais cara e eu vou perder. Aí eu então tinha que fazer um pedido e aquilo tinha que correr, prá ser submetido ao conselho deliberativo, que nesse tempo era assim que funcionava, mas dentro do CNPq estava, eles conheciam o trabalho que estava sendo feito e estavam gostando. Então ele me deu lá um formulário prá eu preencher, plano de trabalho, escreve isso aí, enche isso aí, e eu estava trabalhando naquilo mesmo, e eu ia ligar assinou e concedeu uma bolsa na hora e ele, mas como, a partir de quando? A partir de primeiro de janeiro, porque ele fez *ad referendum* do conselho deliberativo, ele podia fazer em casos excepcionais, o *ad referendum* eles não iam negar. Aí eu digo, bom, então eu estou apoiado, posso ficar tranquilo. E me preparei prá voltar pro Rio, estava arrumando as coisas, aí eu recebi uma visita de três pessoas de René Rachou. Nesse tempo não era René Rachou, nesse tempo era Instituto Nacional de Endemias Rurais, Instituto de Endemias Rurais, não Instituto de Malariologia, o nome que ele tinha, porque ele foi criado quando não havia esquistossomose, bom, esse instituto foi criado, a história dele está contada num folheto que eles publicaram, tem um discurso do Amilcar Martins, historiando lá, e eles dizem que aquilo é um discurso, uma história à moda do Amilcar, que tem outras implicâncias, é claro. O sujeito se esquece de umas coisas, se lembra de outras, mas é o que está ali é correto, talvez esteja faltando algum detalhe que eu também não conheço, mas é aquilo, aquela história. Eles tinham aqui na Cidade das Meninas, em Duque de Caxias, uma série de pavilhões de meninas, que eram mantidas ali, e aquilo foi ocupado pelo Pinotti com laboratórios e lá e o centro, a cabeça da pesquisa do Departamento de Endemias Rurais, era ali.

ET - Tinha alguma relação com o instituto?

WP - Não, era o Ministério da Saúde subordinado ao Ministro, o Instituto Oswaldo Cruz, e subordinado ao Ministro. Departamento Nacional de Saúde, são duas coisas separadas, agora no Departamento Nacional de Saúde tinha os, não, não era Departamento Nacional de Saúde, era Ministério da Saúde e Departamento Nacional de Endemias Rurais, lá no Ministério da Saúde. Nesse departamento então tinha um instituto, que era o Instituto Aggeu Magalhães, em Recife, e o Instituto, e esse núcleo central de pesquisas no Rio, que era essa cidade das Meninas. Não era do Ministério, era um negócio emprestado, equipado lá pelo ministério, aí então, criaram esse instituto em Minas Gerais, prá transferir aqui do Rio o pessoal que estava mal acomodado e a entidade que era proprietária desse, dessa área lá da cidade das Meninas, tinha uma instituição mantenedora, pedindo de volta, prá poder desenvolver aquilo e eles não tinham prá onde ir. Então quando tem aquela história que o Amilcar conta, o [Amilcar Barca] Pelon esteve lá e eles combinaram e fazer um instituto semelhante ao Aggeu Magalhães, que era um plano do Pelon fazer em várias regiões do Brasil, no Nordeste, no norte, no Centro-Oeste, e distribuir pelo país centros de pesquisa, de acordo com as peculiaridades, prá estudar as coisas de acordo com as peculiaridades regionais, centros de pesquisa regionais. No Pará ele não chegou a fazer porque tinha o Evandro Chagas, mas lá também não assimilou o Evandro Chagas, fez em Recife e depois fez aqui e estavam com a intenção de fazer também no Rio Grande do Sul. Mas depois tudo mudou, cessou, acabou-se, não veio mais nada, mas então eles tinham feito, construído esse instituto que eles chamavam instituto de Malariologia. Eles construíram aqui, quando um congresso que houve em Belo Horizonte, René Rachou esteve com uma outra pessoa daqui, e com o Pelon também, e aí viram, não, não, o Pelon é que promoveu a construção junto com o Amilcar [Vianna Martins], mas

quando estava prontinho, quase prá ser ocupado houve esse congresso e o Rachou que era o chefe aqui do, da Cidade das Meninas, viu aquilo e um outro colega que não me lembro o nome, se encantaram, com a coisa, e disseram até aquilo no bar, a gente sai de lá e vem prá cá. Essa é uma mágoa que o Amilcar tem, porque o Amilcar se considerava criador daquilo, e no fim caiu de colher pro Rachou, que não fez nada por aquilo e quando chegou estava pronto. É disso que a gente precisa, aí veio prá cá e foi ser chefe, o Amilcar era o diretor, mas ele foi ser chefe local do centro de Belo Horizonte, e o Amilcar fez uma entrevista com a Ciência Hoje, em que ele mostra essa mágoa, que ele não gostava do Rachou, diz que ele era fascista, não sei o que. Mas ele tinha essa mágoa que a gente entende, fez tudo e depois foi o nome da pessoa que chegou lá e só aproveitou o que estava pronto e acabou tendo o nome dado à instituição. Então o, eles tinham inaugurado isso, não sei se inauguraram, mas realmente oficialmente começou a funcionar em setembro. Eu sabia que tinha qualquer coisa, eles falavam a malária, o instituto de malária, ou então a malária, mas também eu nunca tinha ido lá, porque eu também não tinha tempo, estava lá no meu trabalho, e no ano em que eles inauguraram eu estava, e ia pro interior e vinha, pegava material, estudava, havia anos de publicado e nesse ano que fundaram o instituto foi um ano em que eu publiquei uns dez trabalhos. Isso era muita coisa, porque tinha tudo prá estudar, a gente estudava com afinco e saía, precisava publicar prá poder espairecer os problemas, e a recepção era boa, então eu não tinha tempo de ficar, ia prá lá e o que, visitar, eu conhecia o pessoal e também sabia muito a história do que estava acontecendo, mais ou menos porque o Pellegrino e o Zigman Brener que eram os dois dos pesquisadores de lá, os sujeitos de maior destaque, eles iam no meu laboratório no SESP prá aprender histologia de caramujo. Eles resolveram que tinham que saber histologia de caramujo, eles também mexiam com esquistossomose. Então, eles iam lá, duas ou três vezes por semana, uma aula comigo, eu chegava lá uma tarde, mostrava, aula de histologia prá eles. Então a gente conversava e eu achava que não precisava ir lá, mesmo porque não estavam fazendo nada de transmissão, com caramujos. Se via que não entendiam, eles estavam querendo estudar histologia prá ver como é que [eram] as reações do parasito, por causa do parasito, e eles sabiam mais ou menos. Bom e eles foram, os dois apareceram lá; quando eu voltei, eu vim logo dois dias depois dessa conversa com o Gustavo Pinto passei aqui uns dois dias e voltei e estava arrumando a minha mudança e eles apareceram lá uma tarde, e com o Jorge Schreiber, que era um professor também que trabalhava lá, um geneticista, e eles foram lá com um recado do Amilcar, me convidando prá ir prá lá, dizendo que lá eles não tinham, que precisavam de trabalhar nisso, e não tinha ninguém da área prá trabalhar. Então que ele me chamava prá ir prá lá. E eu achei ótimo porque eu não precisava me mudar, e ia trabalhar no mesmo assunto e a primeira ideia que eu tive era essa: “Bom, eu estou interessado nesse tipo de estudo”, eu aqui no SESP tive três áreas do Brasil prá poder desenvolver. Era Nordeste, era Minas Gerais, aquele parte do vale do Rio Doce e um pouco na Amazônia; eu fiz as coisas agora esse é um instituto, já havia um instituto e eles já chamavam de Instituto Nacional de Endemias Rurais, não era mais, Malariologia e a sede era lá, que o Amilcar foi designado diretor mas com a condição de ser a sede lá não vir mais para o Rio, porque ele era professor da universidade, família grande, tudo lá, ele era a cabeça do sistema do instituto. Então eu pensei, agora eu vou poder ter o país todo, não é só essas três áreas, porque o instituto é nacional, é prá estudar sul, oeste, o que eu quiser, e aí eu me mudei, fui prá lá e comecei em janeiro de 1957. Bom, aí eu trabalhei, eu trabalhei... bom, nesse tempo eu também não tinha muito tempo prá prestar atenção ao resto do instituto. Eu estava cuidando do meu negócio que estava engrenado, de vento em popa, de modo que eu não sabia. Eu sabia assim, vinham me contar, está acontecendo isso,

realmente eu, se me dissesse, você vai contar a história do instituto, do tempo em que você esteve lá, eu não sei da história. Eu sei pouco. O que em geral se passava, sei mais um pouquinho do tempo em que eu fui diretor do Instituto Nacional de Endemias Rurais, e depois também quando eu deixei de ser. Eu fiquei nesse trabalho, e eu nunca fui desse negócio de ficar visitando e conversando, eu não gosto de perder tempo. Aqui, por exemplo, aqui eu quase nunca vou, só quando preciso, não é? Tem colega que visita, passeia, é bom isso, trocar ideias, mas eu tive o azar sempre das coisas que eu faço; sou eu que faço e não tem com quem trocar ideias. Se eu for falar de caramujo com alguém, naquele tempo ia dar confusão, com quem eu iria discutir, eu tinha que me virar sozinho. Livros e trabalhos publicados de outros autores prá poder avançar, e até hoje. Hoje, por exemplo, apesar do tempo ter passado, não tem especialistas com quem discutir; a gente discute problemas correlatos, de modo que eu sempre tive, é o meu temperamento, então, eu sei pouco da história. Agora nessa ocasião aí, fui, instalei meu laboratório, tive lá uma sala um pouco maior do que esta, muito apertada, porque o SESP, olha o que você quiser levar, leva, eu tinha uma bibliotecazinha, revistas assinadas, livros que eu tinha pedido, me deram tudo! Leva aparelhos, microscópios, tudo o que eu quisesse, e me deram assistente, que era a pessoa com quem eu trabalhava, um rapaz muito capaz, mas não tinha, ele tinha curso secundário incompleto, era um técnico, muito bom, e era tão bom que botava o nome dele nos trabalhos porque era meu braço direito, todo tempo, o Milton Deslandes. Eles cederam o Milton também, pode ir, eles pagavam, eu levei o que eu quis, quer dizer, nesse ponto eu não levei prejuízo nenhum. Não comecei tudo outra vez sozinho, bom aí me deram uma salinha lá, uma sala comum, sala padrão, estava meio apertado lá, eu trabalhei durante janeiro, fevereiro e março; fiz uma palestra lá, outro dia, eu conto essas coisas, não vou entrar em detalhe, mas eu lá recebi mais ou menos, em 1957 mesmo, meados do ano, a visita do homem da Rockefeller, desses camaradas que viajam. A Rockefeller tem umas pessoas que circulam, que vão visitar a instituição, ver esses programas de ajudam, eles vão fiscalizar, quer dizer, o elemento da Rockefeller prá América Latina, era o doutor Harry Miller, ele era um geneticista que foi trabalhar na Rockefeller e depois entrou nessa carreira administrativa, mas como geneticista interessou-se pelo que eu fazia, porque eu aplicava muito a genética nos meus trabalhos, prá esclarecer esses problemas. Um dia ele me visitou assim, sem eu esperar, e chegou lá, e aliás eu recebi um telefonema antes do professor Baeta Viana, perguntando se eu estaria lá numa época, num dia tal, no mês de abril, não sei, tal semana você está aqui? Estou, não vai viajar? Não, não havia nenhum pretexto, por que? Porque o doutor Miller vai lhe visitar. Eu digo, quem é Miller? E ele é também da Rockefeller, eu não sei, não conheço. Quem é? Esse que dá os auxílios da Rockefeller. Eu sabia que tinha um homem, mas não sabia o nome dele. Digo, não eu não conheço. Ele disse, você não tem ajuda da Rockefeller? Eu digo não. Aí ele me escreveu uma carta porque ele ajudava a faculdade de Medicina. A Rockefeller instalou toda a biblioteca da faculdade de Medicina, instalou, comprou, tudo a Rockefeller, e ajudava maciçamente a bioquímica da Medicina que era o Baeta Viana, com os assistentes e dava bolsa prá fazer pós-graduação fora, tudo o que precisasse. Então ele ia lá, sempre estava em contato e ele me disse, olha doutor Henry ele vai aí, eu digo, não é engano, não é outra pessoa que ele quer visitar? Não, é você. Eu disse, espera aí, eu estava em casa, ele pegou a carta e leu, olha, doutor Lobato Paraense, e ele escreveu à mão na margem da carta, botou um adendo, que era prá saber se você estava nesse período que ele quer lhe visitar. Eu digo, está bom, mas não tenho. Mas você não tem nenhuma ligação, não está esperando nada da Rockefeller? Não, não sabia nada. Bom, ele apareceu lá, apareceu e bom, já sabe, o chegou o Miller lá da Rockefeller, a Rockefeller estava interessada em ensino, estava interessada em problemas de genética,

assuntos de Genética e ajudando muito São Paulo, o Sul, o pessoal que estava fazendo genética humana, dando tudo. Então eles pensaram, bom, chegou a nossa vez, e pegaram o Miller e ele não queria nem conversa, queria ir lá conversar comigo. Bom, chegou lá entrou, ficou sozinho comigo, e o pessoal ficou no corredor, sem entender, porque eu também não entendia, ele chegou lá e disse, olha, eu queria ver os seus trabalhos, que você tem publicado. Aí eu peguei as separatas, mostrando, ele pediu prá explicar prá ele aquele negócio todo, e eu fui explicando e ele viu que eu estava fazendo parte do, grande parte das soluções que eu dava eram através da genética, e ele ficou animado, teve um ponto em que ele me fez uma pergunta: "Onde você aprendeu essas coisas?", eu digo aqui. Mas você esteve já no exterior? Eu digo, não, nunca saí do Brasil. Mas como é que você aprendeu isso? Com quem? Eu aprendi lendo, eu comprei meus livros, li os trabalhos, nunca tive um professor de genética, nem de Medicina, nunca tive essa disciplina. Pois é, a gente aprende, tem aí tudo meu, quando dizem, bom eu não tenho orientador, eu não sei o que que eu vou fazer, não tenho quem me oriente... prá mim isso não tem valor nenhum porque eu também nunca tive, e nunca tive uma aula de genética. Eu resolvi aprender, aprendi, comprei livro, comprei revista, assinei a revista, corri a biblioteca, a gente aprende. É melhor do que ter um professor aqui, na terra da gente assim, mesmo que seja um grande professor, é, são os livros, os trabalhos científicos, que a gente tem muitos professores, não é um que vem com aquela ideia dele, tem a dele e a dos outros. Então eu nunca liguei prá esse negócio de escola de aprendizado oficial, eu disse, eu aprendi isso aqui, então ele me ofereceu viagem, disse se eu queria estudar fora, eu disse não, porque eu estou estudando esses bichos são daqui, lá fora são outros e a confusão lá fora é geral, então eu estou estudando estes, enquanto eu tiver ainda umas coisas prá resolver aqui eu não estou pretendendo sair daqui... bom então, você precisando fazer um curso assim... Não, por enquanto, não, e me ofereceu então viajar, me dar umas viagens prá África, prá Europa, centros que faziam essas pesquisas, eu digo: "Olha, essas pesquisas que eles fazem eu não sigo os métodos, porque lá está uma confusão, o negócio aqui parece que está andando direito, eu não quero me contaminar, eu vou avançar mais um bocado, eu tinha esse material que eu peguei na viagem, tudo isso prá estudar, prá poder assentar mais as ideias, achei que não, era perder tempo", eu digo, depois que eu estiver com problemas acumulados, aí sim eu vou em áreas específicas, e virou esse mundo prá lá e prá cá, até hoje eu nunca precisei de fazer isso prá poder prosseguir os trabalhos. Bom depois a gente fará o, eu farei, eu pedirei quando for a hora de viajar, eu aí pedirei, mas por enquanto eu quero passar um tempo ainda fazendo isso, então ele me ofereceu, ele disse, olha o que que você quer prá tocar esses trabalhos e incrementar isso bem, que nós lhe daremos, mas em que sentido? Nós damos equipamento, damos, eu digo, eu preciso de contratar umas duas pessoas, técnicos, que eu treino, prá poder já aumentar a produtividade aí, que tem que dissecar bicho, e tal, eu estou fazendo isso, perdendo muito tempo, então preciso treinar duas pessoas bem treinadas. Aí ele me disse: "A Rockefeller não está dando dinheiro prá pessoal, mas nesse caso, nós damos, pode fazer o seu programa". Então o que eu quisesse, equipamento, tudo, dinheiro prá pagar gente, dinheiro prá fazer compras, e está bom, aí então eu fiz o programa e mandei prá lá, foi aprovado e a partir de uns meses comecei a receber, mandava dólar pro Banco do Brasil, eu pegava, trocava o dinheiro, pagava tudo, e fiz uma lista de tudo o que eu precisava e me mandaram tudo, da Alemanha, dos Estados Unidos. Encheu de material o laboratório, tudo o que eu precisei... trabalhava como um sujeito rico, sem precisar de nada, prá época, bom, e a coisa, o contraste que me chocou e a única coisa que o diretor do instituto, porque eu estava subordinado aqui ao diretor, estava lá, assim como eu estava em qualquer outro lugar, eu ia

porque queria, nem avisei que ia prá lá, também não estavam interessados em saber. Mas como eu era subordinado ao diretor...

Fita 2 - Lado A

ET - Quando o senhor entrou no INERu o diretor era o Roberto Milward de Andrade, não é?

WP - O diretor do Instituto era o Amilcar Martins. O Amilcar Vianna Martins era o diretor do Instituto Nacional de Endemias Rurais e o chefe lá do Centro de Pesquisas era o Rachou... quando eu fui prá lá era o Rachou.

ET - Pelo que me deram lá em Belo Horizonte está aqui: diretor do centro de pesquisas René Rachou, de 1955 a 1957, Roberto Milward de Andrade de 1957 a 1959, Marcelo Vasconcelos Coelho de 1959 a 1961.

WP - Isso, é, mas eu fui prá lá em janeiro de 1957 era o Rachou. Depois eu... É, eu nem me lembrava mais, eu não me lembro mais dessa ordem, mas eu sei que na ocasião era o Rachou, quando eu fui prá lá. Agora quem me convidou foi o Amilcar, o Amilcar, o Rachou estava lá como chefe, mas ele quase não ficava lá, porque ele viajava muito, os trabalhos dele exigiam que ele vivesse no campo.

ET - E o senhor foi diretor lá também?

WP - Fui.

ET- Em que período?

WP - Eu fui diretor de 1961 a abril parece ou março de 1961 a setembro de 1963.

ET - Do Centro de pesquisas?

WP - Do Instituto Nacional de Endemias Rurais.

ET - Como era essa relação, tinha o Instituto Nacional e o Centro de Pesquisas separados?

WP - Bom, o Instituto lá dirigia Recife, nesse tempo eram dois centros, e aqui o Centro, núcleo nacional, o instituto nacional era mais ou menos uma abstração e tinha um diretor, mas a direção, a administração era lá mesmo, lá no Recife, em Belo Horizonte.

ET - Belo Horizonte.

WP - É, a administração do centro, do Instituto nesse período, porque depois voltou prá cá, o Amilcar, a sede era aqui no Rio, nesse núcleo de pesquisas, de, está gravando?

ET - Está gravando.

WP - No núcleo de pesquisas na Cidade das Meninas, mas ele aceitou ser diretor lá na condição de vir prá cá, de ser a sede lá e como a sede era mais uma abstração, era onde estava o diretor. A sede foi lá, então quando eu fui, eu trabalhei lá durante 1957, 1958 até o princípio de 1961, e ele já não era mais diretor porque ele veio a ser diretor do instituto aqui, foi diretor de Endemias Rurais, aqui no Rio no ministério e já tinha deixado de ser. Eu não me lembro quem ficou no lugar dele como diretor do Instituto Nacional, não me lembro quem foi, eu sei que foi nomeado quando o Jânio Quadros assumiu a presidência, o ministro do Jânio Quadros, o ministro da Saúde era um colega meu de escola, da Faculdade, então ele me chamou, porque eu não queria isso, porque nunca, isso prá mim era...

ET - E era quem?

WP - Era o Edwart Catete Pinheiro. Ele, eu digo, olha isso aqui, a sede é no Rio, aqui o negócio é provisório, essa sede aqui, eu estou aqui trabalhando, ele impôs a coisa, você já está aí, a sede fica aí, e você é que eu conheço e sei de quem se trata e confio, e tem que me ajudar, essa coisa. Então eu aceitei e fiz a... eu acho que é a única vez em que eu dei uma mancada na vida, que me arrependo, mas não tem nada que me arrepender, porque eu tinha essa ajuda da Rockefeller, três anos, e ela ia terminar em maio, mais ou menos, desse ano de 1961, e eu já tinha garantido mais três anos, e trabalhando como a gente trabalhava lá. Isso aí podia estar certo que ia sendo prorrogado, talvez até hoje, eu ainda estivesse ligado à Rockefeller. Com essa nomeação prá diretor eu fiquei com receio de não dar conta, não é? Porque tinha que estar viajando aqui e acolá e tinha muita coisa prá, e fora isso o país em levantamentos sorológicos no país todo prá Leishmaniose, prá doença de Chagas, prá esquistossomose, tinha muita coisa prá fazer e muita, muita mobilização de vida, despachava com o ministro e tudo. E eu pensei bom, vai piorar a situação da pesquisa, e eu fiquei com receio, se fosse uma coisa só aqui no Brasil, a gente justifica, mas com a Rockefeller eu não queria falhar. Então eu pensei: se cair a produtividade, o embalado do trabalho, é ruim, não fica bem prá reputação, então eu já tinha garantido a prorrogação por mais três anos e eu desisti por causa dessa nomeação. E aí não durei, porque o Jânio durou sete meses, aí eu fui mantido, eu pedi demissão, mas durante esses dois anos e meio que eu fui diretor mudaram cinco ministros, mudaram cinco diretores gerais. Eu estava subordinado ao diretor-geral do departamento de Endemias, mudaram cinco e cada um com outra ideia, e eu pedia demissão e eles não davam; aí não ficava bem eu chutar o negócio porque estavam me tratando bem, e tratando bem a mim, tratava bem a instituição e o pessoal estava trabalhando eu acredito bem. Então eu segurei até que eu não pude mais e nesse setembro de 1963, aí começaram a meter a mão e eu vi que ou eu deixava ou então eu ia ficar à algum outro qualquer, recebendo ordem de gente incompetente, como aconteceu, não é? Enquanto isso, não precisa repetir que está lá no discurso, uma pessoa que durante a posse do novo diretor geral me perguntou o que é endemia. Era um sujeito que estava lá, amigo do novo diretor que era um político da baixada fluminense, ele perguntou o que era endemia, eu só falava endemia, na posse, perguntou o que é endemia, eu expliquei, daí a um mês esse sujeito foi nomeado diretor do centro daqui do Rio, que eu já tinha fechado, não tinha mais, não tinha mais, era uma entidade abstrata, tinha terminado, tinha sido entregue à cidade das Meninas, não tinha mais nada lá, foi nomeado prá poder ocupar o lugar, não é? E era, ia ser o diretor do núcleo central de pesquisas de endemias rurais um sujeito que não sabia o que era endemia, aí eu me demiti por telefone, e larguei a coisa, e continuei lá porque não tinha razão prá sair da instituição.

ET - Isso foi em 1960 e ....

WP - 1963.

ET - 1963 foi o ano da morte do René Rachou, também.

WP - Também.

ET - Nesse primeiro período do seu trabalho em Belo Horizonte, lá no INERu, centro de pesquisas do INERu, o que que o senhor do ponto de vista da pesquisa científica o senhor avalia como ponto positivo, como pesquisas importantes?

WP - É, lá tinha sempre, tinha um grupo bom, claro em qualquer constelação tem estrela de primeira grandeza, de segunda, de terceira, mas o que eu acho assim, eu já disse isso uma vez numa fala aí que eu dei que o que importa é a constelação, quer dizer, a gente não encontra um grupo de indivíduos todos do mesmo nível. Tem uns melhores, uns piores, mas o importante é que cada um dê o máximo de si no que pode, se o sujeito é um varredor de rua, ele tem que caprichar no varrer a rua; se ele é um gari, o que ele for fazendo o melhor que ele pode tudo vai bem. Então lá tinha disso, tinha gente melhor, gente pior, cientificamente, tem também como em toda parte tem o malandro, tem o trabalhador, mas em geral ia bem, uma instituição não muito grande, relativamente pequena era fácil de manejar e de fiscalizar mesmo, está tudo ali perto, então tinha lá uns elementos como o Rachou, enquanto esteve lá, porque ele durou pouco lá, porque ele são prá América Central, e depois morreu nesse, morreu na Guatemala, se não me engano, morreu lá na América Central, de acidente. Agora tinha lá o [José] Pellegrino que era um bom pesquisador, muito bom, muito competente, e o Zigman Brener, que estava subindo, estava começando, mas era uma pessoa de talento, tinha e outros, gente por exemplo o Sebastião Mariano Batista, é um pesquisador mais ou menos, mas trabalhador, funcionava muito bem. Também tinha lá o professor Jorge Schreiber, que um professor italiano, são da Itália por causa de Mussoline, e era professor da Universidade, da faculdade de Filosofia, um sujeito que conhecia bem Citogenética, principalmente. Tinha um grupo assim, de pessoas capazes, não é? Competentes, então ia bem e no ano em que eu, por coincidência, eu assumi em 1961, o ano de 1962 foi o ano em que houve a maior produção científica lá, em número de trabalhos. Isso lá pela estatística que saiu nesse livrinho, está lá o ano de 1963, quer dizer, eu quando falei que foi isso no discurso eu não penso que fui eu que fiz isso, é porque foi uma embalada, agora prá mim foi ótimo porque foi um negócio que eu não atrapalhei, quer dizer, a curva ia subindo e continuou subindo, eu não atrapalhei. Aqui mesmo na Fundação Oswaldo Cruz tem acontecido de épocas em que o sujeito te atrapalha... por exemplo, agora houve uma reunião em Teresópolis de esquistossomose e as queixas na Bahia, na Bahia o Zilton Andrade acha que caiu, caiu, verticalmente a produtividade lá porque atrapalharam. Não sei o que que houve, atrapalharam, mas todos se queixaram, atrapalharam e as coisas, degringolaram, agora estão retomando. Quer dizer isso não me aconteceu, não estagnou e nem diminuiu, porque estava tudo engrenado quando eu cheguei lá. Também se fosse uma instituição que vamos dizer que só eu trabalhasse e mais o outro, eu não ia aceitar um abacaxi desse prá me responsabilizar. Eu achei que a tarefa não era difícil, era suave nesse ponto. Agora o que eu achei é que era pesado prá mim, e eu achava, bom se eu consegui fazer um negócio aqui continuar e melhorar, eu perco, mas a instituição

ganha. Em geral, há lucro, e eu acho que não piorou, quer dizer, em geral não piorou. E pelo menos se manteve como estava, houve um incremento; isso os outros dizem, porque eu consegui melhorar o equipamento, consegui recurso, foi um período difícil, não tinha dinheiro prá nada. O Jânio Quadros quando assumiu em fevereiro, esse ano, a verba, primeiro dinheiro saiu em agosto, em setembro ele já tinha saído do governo. Eles ficaram naquela história de investigar dinheiro, se houve roubo, se não houve roubo, inquéritos, e prendeu todos os recursos, vamos ver agora prá quem sai, de modo que não saía dinheiro prá ninguém. Só recebia o primeiro dinheiro, aí a gente imagina quase meio ano a gente recebendo pedidos, queixas, o pessoal veio todo lamuriar e dizer, não tem recursos, eu quero trabalhar, é horrível prá quem está começando. Depois então, quando, mas quando tinha a gente recebia, e daí prá diante, mesmo com as mudanças de diretores gerais de ministros. Houve tempo, durante a minha administração lá, que eu conseguia, quer dizer, o instituto conseguia que, mesmo quando o governo mandava cortar verbas, houve ocasiões em que a gente teve aumento porque eles prestigiavam a pesquisa que a gente fazia. Quer dizer, não só aumento prá lá como prá Recife, nesse tempo a Bahia não estava nesse circuito. Então eu não posso me queixar do pessoal, dos diretores da época, só essas mudanças... que fica aquela perspectiva, o que que vai acontecer, por exemplo, houve diretor lá, que nós estávamos fazendo um levantamento no país, aproveitando, fazendo uma experiência, não é? Com o mesmo material, mesmos soros que a gente coletava, a gente fazia exames prá levantamento de prevalência de várias doenças, doença de Chagas, leishmaniose visceral, brucelose, esquistossomose, com o mesmo sangue, mesmo soro. Aí começou a aparecer casos positivos no Rio Grande do Sul, em leishmania, que não devia. Devia ser erro de reação, mas nós estávamos testando e eu cheguei a receber telefonema do Rio, da direção superior, pára com isso porque vai sujar a reputação da diretoria geral, imagina ter leishmaniose no Rio Grande do Sul? Ao invés de agradecer a gente, não é? Vocês estão descobrindo o foco de doença prá gente socorrer enquanto é tempo. Não pára, não... como era a meningite lá em São Paulo... naquele tempo era o do Médici, que era proibido falar que tinha meningite. E fez um estrago, não é? Quer dizer, essas coisas aconteciam, mas mesmo esse diretor geral que me telefonou pedindo 'pára com isso que está criando caso prá gente', esse mesmo deu apoio e recursos. A gente pedia verba, estava cortado, mas ele dava além do que devia dar, eu pedia, não era o que eu pedia, mas além do que o corte permitia. De modo que eu não podia me queixar, não é? E eu acho que andou bem, agora não posso entrar em detalhes. Em geral, tudo o que se fazia lá, entomologia, Pellegrino na esquistossomose, o Brenner na esquistossomose, na doença de Chagas, tudo andou bem e a produção... basta dizer isso, que a produção foi em 30, nesse ano seguinte foi lá em cima. Depois caiu um pouquinho, depois, mas ficou, manteve-se assim, em nível alto, não houve queda nenhuma, significando que o pessoal trabalhava e ninguém se queixava de condições de trabalho. Eles se queixavam às vezes de rigor, não é? De exigência... que venha [ao trabalho], que fique dentro do laboratório, dê o expediente... esse negócio de chegar tarde e sair cedo, e ter outro emprego. Isso eu sempre fui contra porque eu não sou assim. Então, não admito. Compromisso é compromisso, eu acho que nós temos uma mercadoria: que é o nosso trabalho, a nossa pesquisa e a gente vende isso pro, se a gente está recebendo um salário por isso, a gente está vendendo à custa desse dinheiro que a gente recebe. Então eu costumo dizer às vezes, 'olha, se você chegar numa loja e pedir assim um metro de fazenda e disser está bom obrigado, você tem que pagar, prá sair, então é a mercadoria deles, a nossa é essa, então é impossível... você estar recebendo, tem que fazer'.

Isso é difícil, pelo menos em muitos meios científicos tem gente que acha que o cientista é prá trabalhar quando dá, assim prá meditar e coisa; se não tiver vontade não trabalha, eu acho que é ao contrário, e o Brenner uma vez me disse, 'olha, a gente reclamava muito daquela história da exigência de que está na hora, que não sai, que ficar trabalhando no laboratório, tinha sujeito que dizia que trabalhava em casa, que tinha que pensar, e dizia não, trabalha na aparelhagem, junto com os outros, com os auxiliares, com bicho, que a gente está examinando, no microscópio, não é em casa, em casa tem noite, não é as outras horas', e eles às vezes reclamavam. O Brenner me disse uma vez, na porta, conversando, e a gente chiava, mas o negócio melhorou muito, a produtividade e tudo... isso não impedia, de modo que... mas tudo bem, não precisei brigar com ninguém. Sempre exigindo, porque tinha que fazer, por exemplo, uma coisa ruim, que eu mesmo achava horrível fazer era ponto, não é? O Jânio Quadros baixou uma ordem logo que assumiu, dizendo que, obrigando toda a repartição a assinar ponto, fosse quem fosse, dizendo que onde houvesse dois estilos de ponto unificasse, e o relógio era esse que predominava e nós tínhamos lá relógio de ponto e tínhamos um livro, prá assinar e todos pesquisadores assinavam no livro; os auxiliares, os técnicos, assim o pessoal batia no ponto e eu desde que fui prá lá, como hóspede e tudo, eu tinha o meu cartão de ponto e eu não era obrigado a bater ponto nem assinar nada porque eu era o diretor, mas eu tinha lá o meu e eu batia. Isso parece quadradão, mas quando o pessoal reclamava eu dizia, 'olha, eu aqui sou um delegado do governo, o governo, o presidente da República não pode estar em todo país, ele tem seus delegados, é o ministro e eu sou um delegado, também, agora no dia em que eu achar que a ordem que eles mandaram é absurda, eu me demito. Eu não fico, agora se eu estou aqui, tem que fazer, eu acho isso, é a minha filosofia, eu estou aí prá cumprir'... se eu não, como já me aconteceu, várias vezes, quando eu acho que não está de acordo com o que eu penso eu deixo o cargo, mas não fico, não quero contrariar as ordens de quem tem direito de dar. Eu deixei lá por isso, eu deixei a Universidade de Brasília, e deixei aqui como vice-presidente de pesquisa porque não estava de acordo com o que mandaram eu fazer, então nunca fui demitido de nenhum cargo de direção. Dos poucos que eu tive, todos eu abandonei, quer dizer, deixei, porque não me conformei com aquela coisa, achei que não era direito. Então eu não vou chegar e querer impor o meu ponto de vista ao superior que tem o direito legal de dizer a dele, mas então foram essas bobagens que todo lugar que tem direção sempre tem umas coisas, mas eu acho que foi um período muito bom, prá mim, prá eles e prá tudo, prá instituição também.

ET - Doutor Lobato, a gente está em 1963, o senhor ficou lá até 1968?

WP - 1968.

ET - E esse período de 1963 até 1968?

WP - Bom, eu continuei trabalhando. Aí quando eu me livrei da direção, pude continuar trabalhando como antes e com outras obrigações também, porque durante, em fins de 1961, aliás eu tenho a impressão que é em começos de 1963, o meu laboratório, que era lá, ele foi criado pela Organização Pan-Americana de Saúde, um centro de referência, não é? Prá os continentes americanos, sobre... prá esses estudos de caramujos, e a sede era lá, quer dizer, então eu tinha muito que fazer. Tive três etapas: a primeira nisso que eu trabalho até hoje, que eu acabei ficando nessa área de moluscos, era a fase do SESP, que eu tinha três áreas

dentro do país e mesmo dentro dessas áreas, limitada, porque eram nos lugares de endemia esquistossomótica, que interessava ao trabalho do SESP.
Era Amazônia, um pouquinho na Amazônia, Nordeste, uma parte do Nordeste, e a região do vale do rio Doce era lá do Instituto. Então o trabalho se estendia por todo o país. Eu podia ir onde eu quisesse coletar o material, estudar o que eu quisesse, não precisava pedir licença, e depois com a Pan-Americana de Saúde, aí ficou no continente, que o meu trabalho foi se ampliando gradualmente e quando eles criaram no centro o meu laboratório, eu podia, foi quando eu viajei muito prá todos esses países, onde havia assunto de caramujo prá estudar, prá coletar, prá trazer o material prá estudar. Então eu visitei todos os países da América, menos El-Salvador e Colômbia, porque lá não tinha. Eu estudava, eu ia procurar espécie de moluscos no lugar onde ela foi encontrada pela primeira vez e descrevia, dava o nome, o nome tal a esse bicho. Então eu ia no país onde foi encontrada e de preferência, sempre que podia, no próprio lugar, na lagoa tal, no rio tal, no segmento tal, de tal rio, onde ele foi apanhado a primeira vez prá poder checar, e saber se era válido ou não, se era uma mesma espécie que outro lugar, com o nome diferente, essa coisa toda... essa revisão eu fiz assim.
Então, eu saía, geralmente uma viagem de três meses; eu saía, fazia o itinerário passando pelos países, de modo que desse prá três meses, e em cada lugar eu chegava, não ficava na cidade, mas ia pro campo, eu saía, com comissão, toda organização atrás de mim, Pan-Americana de Saúde. Eu chegava num lugar, em todo o país ela tem um escritório, na capital, ia lá, me apresentava, o sujeito me dava tudo o que eu precisava, transporte, ajudante e tudo, eu ia pro campo e eu coletava; de noite preparava o material e no dia seguinte, trabalhando duro no campo, durante três meses, vinha e estudava o material, e fiz uma cobertura total, e isso foi ótimo porque eu pude ter uma visão do todo, desde o Canadá até na Terra do Fogo. Tudo isso! Depois que terminou esse convênio, eu continuei assim mais prá fazer arremate, não é? Em um lugar que eu ia, às vezes você chega num lugar está uma seca, uma seca prolongada, e não rende o trabalho e aí volta lá numa ocasião mais adequada. Então quando, eu não me lembro mais bem, eu, nesse discurso que eu fiz eu dou lá as épocas, porque esse negócio do Centro, veio antes de eu ser diretor do Instituto. Começou com uma visita que eu tive de uma pessoa da Organização Pan-Americana de Saúde, doutor Chamberlain. Eles fazem uma coisa assim: eles mandam um sujeito, um olheiro, o olheiro vai olhar as coisas, conversa com a gente, não diz nada e bate um papo e está tomando nota. Um dia esse camarada chegou lá no meu laboratório, e isso em 60, lá prá, mais pro fim de 60, chegou lá esse camarada, sentou e ficou o tempo todo sentado, assim do meu lado com uma pasta e botou a maletinha no chão, e conversando, fumando ali e olhando o movimento. E aí eu tinha um laboratório grande já, tinha muita coisa lá, olhando aquilo, e conversando; ele saiu de lá e não me disse o que que ele foi fazer, ele me disse que o Instituto Nacional de Saúde, o *National Health Institute*, nos Estados Unidos ia começar um programa prá fora, extramuros, que esse ano, acho que de 1960 eles começaram a dar ajuda prá fora, prás instituições estrangeiras, e ele então chegou lá e disse, 'olha o NHT vai começar a fazer um programa extramuros', e me deixou lá um formulário, assim se eu quisesse pedir alguma coisa num dia, mas não me prometeu nada. Foi e anunciou aquilo, deixou lá e bateu um papo, conversou, conversou uma porção de assuntos, depois foi embora. Quando ele saiu os colegas vieram me perguntar, o que que ele veio fazer? Não sei, veio conversar, veio trazer esse papel; não estava pedindo, não estava pretendendo pedir nada ao NHI. Isso foi... daí a um ano mais ou menos eu recebi uma carta da organização aqui que era no Rio, na sede do Brasil, dizendo que a Organização Pan-Americana queria fazer uma reunião em Washington, de malacologistas, pessoas que estavam interessadas em moluscos, ligados à esquistossomose.

Então me convidavam se eu podia ir à reunião prá discutir problemas e tal, eu digo bom, eu não sabia quais eram os problemas; bom, aceitei, depois mandaram os problemas, e tinha um sueco, do museu de Kopenhagen, do museu de Estocolmo, tinha um americano, tinha um egípcio, tinha eu, tinha um outro brasileiro, e tinha um americano que trabalha em Porto Rico. Eram seis especialistas, e um americano dos Estados Unidos, eram seis ou sete. Então nós íamos na reunião lá em Washington durante uma semana, e o negócio era esse: era ver como é que estava o conhecimento desse assunto, desses moluscos, como estava, em que nível estava o conhecimento e quais eram as falhas, o que que tinha que fazer ainda e, em decorrência disso, se já havia conhecimento bastante acumulado prá se escrever um livro, um guia, prá poder identificar os bichos, era essa coisa. E uma vez que foi resolvido que já se conhecia bastante coisa e que se podia fazer o guia, então, a organização queria criar um centro de referência prá poder centralizar esses estudos e ajudar os outros países, a discussão foi em torno disso. Enfim, onde seria esse centro, e eles acabaram escolhendo o meu laboratório, porque era a maior contribuição que tinha havido até então prá esses estudos eram as nossas. A bibliografia que saiu nesse livro, mais ou menos uma, mais de um terço das referências muitas tinha daqui, então era a maior contribuição, eles puseram lá o centro. Aí davam uma ajuda financeira, e se eu queria qualquer coisa eu pedia, se precisava ir num lugar, ver um bicho que estava lá se discutindo, eu ia, ou me mandavam. De modo que eu trabalhei assim durante, até sair de lá. Quando eu saí, o centro foi comigo prá Brasília. Lá ficou ainda uns anos e acabou a coisa de uma maneira mais boba possível, porque essas organizações, eles não estão, não se restringem assim uma programação muito, em certas coisas, muito rígidas. Por exemplo, esse convênio, primeiro era um centro, não tinha data prá terminar; depois veio um novo diretor em Washington e resolveu que essas coisas deveriam ter um prazo porque às vezes acontece que o sujeito não quer mais, ou eles não querem, então vamos estabelecer um prazo. Então tinha um prazo de cinco anos, de três anos, botaram um prazo de três anos, o primeiro prazo, antes era indefinido, então estabeleceram três anos e no fim dos três anos, podia renovar se todos estivessem de acordo. E não renovaram, mas era assim, vamos dizer que acabava em junho o convênio, a data, 30 de junho, eles mandavam o papel de lá, em agosto, chegava com data de 1º de julho prá assinar, não é? Mas aquilo demorava e tal, aí outro dia eu recebi de Genebra a mesma coisa, eu sou membro do PAM que tem lá. É um comitê de peritos da Organização prá esquistossomose e isso antigamente era três anos; agora todo ano renova, então, outro dia, semana passada eu recebi uma carta de lá, dizendo que o meu prazo terminou em julho, que eles ofereciam um novo prazo e só queriam que eu mandasse dizer se o endereço mudou, se eu havia mudado de endereço, mas tudo automaticamente, quer dizer, então se acabou em julho, em setembro eles me avisam que acabou, e que está renovado se eu quiser, que eles me convidam prá renovar e isso corre tudo bem, não é? Bom, era assim, quando terminava eles mandavam com atraso. Nesse ano foi o ano do governo do Geisel, o ministro, ah, o ministro era meu amigo, foi ele que me trouxe prá cá, quer dizer, eu já tinha me aposentado aqui, ele me trouxe de volta, o Paulo Machado era o ministro, e me recebia diretamente... não tinha, o sujeito ia na universidade prá me procurar, prá perguntar coisas, discutir assuntos.

Fita 2 – Lado B

WP - Assuntos internacionais de saúde, lá no ministério, aqui ninguém. Todos esses problemas de saúde internacionais é lá que, se encaminha, então eles me mandaram prá Washington, o negócio já assinado pela Organização Pan-Americana de Saúde, e prá eu assinar, não prá o reitor da Universidade de Brasília onde eu estava, assinar, e prá o ministro da Saúde assinar, porque eles só se entendem através dos ministros de Saúde. Quando tem uma outra autoridade, o ministro entra também na, então veio já assinado de Washington, a renovação tudo igual, mas só mudaram a data, não é? Mais três anos, de Washington, o reitor da Universidade assinou e eu levei pro ministro assinar, o ministro assinou, botava dentro de um envelope e estava renovado. Bom, então o ministro estava viajando e eu tive que ir no cais entregar prá um sujeito que foi meu colega, meu amigo, que era diretor desse cais, mas era um burocrata desses empedernido. Quando ele viu disse: "Olha Lobato isso não é renovação de convênio, isso é um novo convênio, não dizendo aí que renova, não, mas esse não serve?', 'Não, mas esse convênio terminou em junho, nós estamos em agosto, de novo o convênio, tem que fazer outra vez', mas eu digo, 'Mas não porque no início tem que dizer, é um convênio, não é renovação'. Eu digo, 'Bom, então faz o negócio como é que, ou então escreve aí o negócio como é que é e manda'. 'Não você deixa aí a gente tem que submeter a uma comissão, não sei o que'... passou um tempo eu fui lá saber ele estava viajando. Na segunda vez ele tinha ido pro Norte que a mãe dele tinha morrido, eu acho que ficou nessa história eu telefonei e aí resolvi não mexer. Acabou esse convênio, podia estar até hoje, não é? Hoje está lá nos Estados Unidos, lá na Luisiânia, um colega do grupo, que fez, malacologista, veio a coisa pleiteou prá ele, e está lá, mas já ficou sem ter isso durante vários anos. Foi recentemente que fizeram, lá nos Estados Unidos não tem esquistossomose, não é? Então, esse convênio durou muito, foi até, acabou em Brasília.

ET - Em 1968 o senhor sai do René Rachou e vai prá Brasília?

WP - É, vai prá Brasília.

WT - O senhor leva o seu laboratório?

ET - O que era daqui, porque tinha coisas; aqui quase não tinha nada, porque foi, foram acabando as coisas... eu tinha coisas daqui, o meu laboratório daqui, do SESP, que me doou; tinha da Rockefeller, muita coisa e a Organização Pan-Americana de Saúde. Esse convênio ela me mandava material, equipamento, tinha uma verba que eu pedia as coisas eles mandavam dos Estados Unidos e eu recebia na porta do laboratório. Não tinha que me preocupar! Eles mandavam tudo direitinho... chegava aqui, mandava entregar, o escritório deles. Então uma coisa que ajudava muito, pelo menos hoje quando eu tenho, que eu acho que é preciso ir num lugar, pegar um material fora do país, eu tenho que pedir licença do governo, e geralmente eu pago tudo do meu bolso, porque a instituição está sempre sem dinheiro, o governo proíbe viagens. Então eu saio com o meu salário, das duas últimas vezes que eu saí pro exterior eu saí por minha custa; comprei passagem, gastei, comprei dólar prá gastar, e o governo só dá autorização sem ônus, não é? Aqui também, não temos verbas e nem temos autorização prá dar o dinheiro, e com eles não tinha isso: eu ia ganhando pelo caminho muito bem, passagem, estadia, estada, fora do país, mas como já fiz muito, coletei muito, eu posso agora passar uns anos coletando o material que está aí acumulado.

ET - Isso constitui uma coleção?

WP - É, hoje eu tenho aí...

ET - Aqui?

WP - Aqui, uma salinha com material todo coletado que eu vou estudando, mas fica lá na coleção. Agora mesmo eu estou fazendo uma revisão de uma espécie que é do México, de Guatemala, de Honduras Britânicas, de El-Salvador, de Nicarágua, Porto Rico e mais Jamaica. Tem tudo isso aí, então agora eu estou, eu não estou mais, no começo eu ficava estudando uma espécie, no lugar e tudo. Agora eu pego a mesma espécie em todo lugar onde ela está, faço uma revisão, ao mesmo tempo eu digo quais são os países onde ela existe, onde ela transmite, onde não transmite, como é que se reconhece. Eu estou fazendo isso, e tenho aí, mas às vezes eu tenho vontade de ir, por exemplo, no Peru, tem um bicho que é um enigma; tem uma concha no Museu Britânico, só, que é o original, ali é o padrão, mas dá no Peru, eu já estive umas quatro vezes; eu coleto, mas eu tenho impressão que aquela que eu queria eu não peguei. Então chega a um ponto que a gente tem que fazer uma viagem prá fim específico, não é? Não é pegar num país, em vários lugares a gente coleta o que aparece, mas depois começa a afunilar. Então eu quero ver aquele bicho, daquele tamanho, daquele jeito, e é possível que eu tenha que ficar lá duas semanas, três semanas, catando num lugar, noutro até achar, e está no Museu Britânico. Eles já me mandaram a peça do Museu Britânico; aquilo vem com seguro, o negócio todo complicado, porque se perder, não tem nem dinheiro que pague. Aí a gente compara, estuda, desenha, fotografa e já devolve. Eu queria ir ao Peru prá achar esse bicho, um bicho que foi descrito no século passado, e eu quero ter ele vivo agora e nos lugares que foi descrito. Bom isso era só escrever prá Organização, 'eu preciso ir ao Peru', eles mandavam uma passagem, avisavam lá no Peru, 'olha vai chegar dia tal no aeroporto', eles iam me buscar, me hospedava, chegava lá recebia meu pagamento logo adiantado, e tinha dinheiro prá fazer o que quisesse. Se não tivesse carro pegava o oficial deles, a cidade extraordinária e também um passaporte especial deles que quando chegasse na alfândega às vezes você traz uns vidros com líquidos e tal, o pessoal pensa que é tóxico. A gente dá umas cápsulas de um tóxico mesmo, o Mermotal, que é um barbitúrico que é prá adormecer os caramujos, prá eles não se contraírem, quando na hora de matar, e aquilo tudo é proibido. Então com um papel desses, um *passe tout*, um *laisse-passez* da Organização [Pan-Americana de Saúde]. A gente mostra em tudo quanto é língua, está lá escrito; eles pegam, olha 'isso é oficial', deixa passar. Então isso tudo foram as facilidades que eu não tenho mais. Eu precisei ir há uns quatro anos atrás na ilha de Saint Vincent, lá no Caribe, comprei a passagem do meu bolso, um dinheirão, porque daí até lá, Caribe é longe à beça, achei tudo o que eu queria, aí escrevi, mas eu tenho aí, eu tenho mais ou menos selecionado, assim, não é? Grosso, selecionado, já passou mais de quatro mil, mais de quatro mil, eu já estudei desse, do que eu tenho que estudar, quase a metade. Ainda tenho a outra metade prá estudar, eu não vou dar conta porque eu não vou viver esse tempo todo prá estudar a outra metade, e antes ia mais depressa, porque antes era, não tinha nada quase publicado. Agora a gente vai ter que comparar, checar bem se é isso... é mais complicado, demora mais.

ET - Dr. Lobato, depois de 1968 o senhor não trabalhou mais no René Rachou?

WP - Não, em 1968 eu fui prá Brasília porque eu fui chamado pelo, eu fui convidado pelo reitor naquela ocasião prá fazer uma reorganização do Instituto Central de Biologia lá, da

área biológica. Então eu fui prá lá prá isso, mas eu disse a ele, 'eu não vou fazer só administração', e tive sorte porque o convite não foi esse. E nesse tempo a Universidade de Brasília sempre quis ser diferente... agora ela está igual a qualquer outra, mas ela sempre quis ser diferente; então tinha duas áreas na universidade: as áreas de Ciências e de Humanidades. Então, você imagina a loucura, a área de Ciências era Física, Matemática, Psicologia, Química e Biologia, tudo quanto é ciência, Teologia, uma porção de institutos na área de ciência, e o coordenador. Quem é que pode nesse mundo coordenar, pode coordenar, vamos dizer administrando recurso, dinheiro, liberação de verbas, mas coordenar ciência, Física, Química, Biologia e Matemática, tudo? Psicologia? Era um sujeito, foi o Salmeron.

Salmeron foi o coordenador lá, depois que ele saiu é que eu entrei prá ocupar o lugar dele, mas eu não quis; eu ia ser coordenador da área de Ciências, e tinha outra área de Humanidades, que era outro coordenador. Era uma loucura! Quem é que vai poder, você é enrolado... primeiro você é enrolado por quem quiser. Numa área que eu não entendo nada, eu não entendo nada de bom, sei mais ou menos, mas não posso coordenar uma área de Geologia, uma área de Psicologia, não tenho autoridade prá isso. Então o que que eu vou fazer? A mesma coisa a Humanidade, que também é uma diversificação enorme, de modo que eu digo se prá o Instituto de Biologia eu aceitaria, prá ser o coordenador do instituto, mas não da área. Bom e não sei se só isso, ou se eles tiveram dificuldade de achar uma pessoa prá ir, porque achar até acha, mas prá funcionar mesmo, é preciso ser, eu acho que um pouco de cabotino, você se achar em condições de coordenar toda a Ciência. Mas no fim, quando eu fui, daí a um mês e meio mais ou menos, eles tinham mudado, reuniram as congregações e resolveram acabar com isso. Então ficaram os institutos centrais, de Biologia, e que incluía as Ciências Biológicas, botânicas, eu fiz uma reformulação lá que simplificou muito porque tinha uma porção de departamentos e de institutos, uma quantidade, devia ser se nós tivéssemos muito pesquisador, e professor prá povoar isso, mas lá era, não era tão grande assim a população docente. Então eu, e também havia uma preocupação de não multiplicar muito as áreas, prá evitar um colegiado imenso, uma congregação, por exemplo, de centenas de pessoas: ninguém ia se entender! E queriam poucos departamentos em cada instituto. Nós acabamos fazendo um instituto com três departamentos. Eu discuti lá com o pessoal e acabamos convencendo o pessoal a fazer, eu dizia, 'bom nós estamos aqui estudando biologia, biologia o que é, é uma célula que se junta ao tecido, o tecido se junta forma o organismo, dá o vegetal, dá o animal e esse organismo funciona com as suas faculdades, então nós vamos fazer um departamento que cuide da célula, da membrana prá dentro, tudo o que está ali dentro de uma célula esse departamento cuida, agora da membrana prá fora, formando tecidos e organismos, outro departamento, e um terceiro, não, quarto departamento, dois departamentos prá estudar organismos e um quarto departamento prá estudar as faculdades superiores'. Então ficou um departamento de Biologia celular, estudando célula prá dentro; aí estuda molécula, aí entra a Biofísica, Bioquímica, tudo o que se passa no interior de uma célula, isso então é o departamento de Biologia Celular. Agora essas células reunidas vão acabar formando um organismo, não é? O tecido é estudado de acordo com o tipo de organismo, então, departamento de Biologia Vegetal, estuda não só Botânica, mas tudo que diz respeito ao mundo vegetal, as funções, tudo, departamento de Biologia Vegetal porque vem num segundo nível, antes de ter animal tem que ter vegetal, prá poder preparar o mundo prá vida animal. Depois então outro departamento de Biologia animal, aí entra Fisiologia, Farmacologia, tudo que diz respeito ao departamento animal. Agora departamento de Fisiologia, que é prá estudar as faculdades superiores animais, e quem sabe vegetais. Então ficou assim até hoje: quatro departamentos, uma beleza. Agora

com isso eu evitei coisas... Nesse tempo estava havendo transformação científica, que é hoje, está no auge essa coisa de simplificar como eles chamam, é entrar na molécula, mas a coisa da microscopia fica sendo eletrônica, e tem... irazação, e vai cada vez menor até ver o átomo, não é? É a tendência da microscopia, então é ir pro primário, pro inicial, quer dizer, pro fundamental. A biologia toda animal é molécula, tudo, é, tudo tende prá isso. Então está funcionando até hoje esse sistema, e eu pensava, por exemplo, na microbiologia, naquele tempo, estava havendo uma transição e o microbiologista clássico ele ficava, pegava o material, fazia a cultura e ficava descrevendo a cultura, a cultura lisa, a cultura rugosa, amarela, mas essa coisa assim mais pro exterior, e estava havendo uma tendência da microbiologia ser molecular e eu não queria mais ou menos que o pessoal se sentisse obrigado a seguir essa biologia molecular na Microbiologia, que é o que está dando os avanços, tudo o que fosse possível molecular. Então, prá evitar que o sujeito fosse ensinar a microbiologia, o trabalho na microbiologia na moda clássica já esgotada, ficava no departamento de Biologia celular; não tinha nada que estudar forma de vegetação, de cultura, ele tinha que estudar no nível da célula prá dentro, e assim ficou, não é? O pessoal trabalha nesse rumo.

ET - Doutor Lobato deixa eu lhe cortar um pouquinho, eu queria voltar a Minas, porque eu estou fazendo uma pesquisa sobre a história do Instituto Oswaldo Cruz e, posteriormente, o René Rachou que se incorpora à Fundação, essa coisa. Agora, uma das minhas preocupações é ver como é que são as relações do Instituto Oswaldo Cruz com Minas Gerais. Vai e volta, por exemplo, primeiro tem, já na época do Oswaldo Cruz tem o Ezequiel Dias que vai trabalhar, acho que o Otávio Magalhães, no Instituto Ezequiel Dias depois na década de 1930 passa pro Estado.

WP - Pro Estado, é.

ET - No final da década de 1930 tem, antes já tinha Lassance, com Chagas, e no final da década de 1930 tem a experiência de Bambuí, não é?

WP - É, sim. Não, foi muito depois, não é? É, sim, foi 1940, 1940 e pouco.

ET - E posteriormente a incorporação do René Rachou à Fundação. O senhor sempre foi um pesquisador do Instituto?

WP - É.

ET - E o senhor trabalhou em Minas Gerais.

WP - É.

ET - Eu queria que o senhor avaliasse como é que foi essa relação entre o Instituto e Minas, como, se houve, por exemplo, o René Rachou, que era chamado INERu, tinha alguma relação com o Instituto, o fato de ser mais uma casa?

WP - Era uma casa, era pessoal, tudo pessoal. Eu estava lá por mim, tanto que prá mostrar, eu ia dizendo acabei me esquecendo, interrompi aí, não, quando a Rockefeller me deu essa ajuda maciça, que foi uma coisa mesmo importante. Qualquer instituição pegava isso de

braços abertos, o diretor do Instituto aqui era o Xavier; eu escrevi uma carta prá ele que eu tenho aí cópia, cópia da resposta e tudo, e escrevi uma carta prá ele, dizendo que a Rockefeller tinha me dado isso tudo e que pedia duas coisas: uma era que ele escrevesse uma carta prá fulano de tal dizendo que estava de acordo, quer dizer quem é que vai dizer não estou de acordo e receber um auxílio maciço, não é? E segundo é que eles tinham um equipamento grande lá, mandava tudo relacionado, prá pedir, que eles concederam, e tinha que ser despachado da Alemanha, dos Estados Unidos, prá vir prá ser entregue lá em Belo Horizonte, prá o laboratório meu, mas que nos trabalhos todos eu botava lá, Instituto Oswaldo Cruz e Instituto de Endemias Rurais, quer dizer, eu como membro do Instituto. No dia em que eu saísse e voltasse prá cá, isso tudo pertenceria aqui. Bom, a resposta que eu tive, aí ele mandou um secretário dele, que era um colega meu, secretário do diretor, doutor Xavier disse que, eu transcrevo isso lá naquele discurso. Você não tem isso lá?

ET - Tenho, eu tenho uma cópia.

WP - Pois é, então eu transcrevo lá. Eu digo, o doutor Xavier diz o que, quanto, ia tudo errado, umas crases fora de lugar, eu copiei como estava, quanto à carta, ele vai escrever uma carta dizendo que está de acordo, ele e o Amilcar, porque a Rockefeller queria ter certeza que esse equipamento ia ser usado, quer dizer, não ia ficar no relento. Então como eu estava lá, o Amilcar era o diretor e como o diretor meu oficialmente, funcionalmente era o Xavier, os dois tinham que dizer que estavam de acordo, porque se chegava um material eles diziam, não você não via trabalhar nisso, e aí, o prejuízo, não é? E isso é uma formalidade que eles todos fazem, as instituições que fornecem equipamento, e outro era ele conseguiu, mas ele providenciou uma licença de importação, quer dizer, ele como diretor do Instituto, chegava. Nesse tempo não tinha Cacex, tudo era mais fácil, chegava aí no Ministério da Fazenda, como diretor do Instituto assinava um ofício, mandava uma relação dizendo, ‘esse material vai ser usado em pesquisa científica’, permitir que entre no país, sem licença de importação; se tivesse que pagar taxa, a Rockefeller pagava tudo, era só ele pedir a licença, que era mais lógico, ele como diretor do Instituto pedir uma licença prá entrar no país da gente que o estrangeiro lá pedir licença ao Brasil para importar, quem é que importa? É o brasileiro, então ele dizia assim, quanto, mas ele também avisa que não cuidará, não promete cuidar, de conseguir nenhuma licença de importação, assim de conseguir nada disso. Isso parece até um horror, aí tinha o escritório da Rockefeller, doutor Watson, trouxe ele, o negócio assinado, ele aceita, agora isso ele não providencia... bom, então, deixa isso aí, a Rockefeller não sei como conseguiu essa licença, quer dizer, dá, ainda tem que ter o trabalho, uma coisa que é peculiar ao país, não é? É uma autoridade no país que diz, tem que vai chegar esse equipamento e nós pedimos que deixe entrar. Não providenciou, isso significa que não havia intercâmbio, não havia entendimento, porque se houvesse, puxa, agora esse material quando chegou, eu tinha que ter o patrimônio, não é? Eu tinha que arrolar esse material, eu fiquei, bom, eu estou aqui no INERu, aqui que o material está, no almoxarifado, mas a minha instituição é Manguinhos, tem almoxarifado. Onde é que eu localizo esse equipamento prá depois prestar conta, não? Se a Rockefeller quisesse saber o que que há com esse equipamento, saber onde está. Bom, então, eu na dúvida, perguntei ao Amilcar, eu disse, ‘olha, se pudesse ser aqui eu acho que ficava melhor’, porque nós topamos e ele não topou a licença, eu cheguei aqui, perguntei também, não houve interesse, não é? Ah, está bem, pode por aí, pode mandar que a gente registra aqui, então, na dúvida eu fui à Rockefeller, disse, ‘olha esse material está aqui, está todo lá’, isso eles já sabiam, ‘sou hóspede lá, está sendo

usado lá, mas eu pertenço ao Instituto, onde o que ele me disse assim ia fazer, porque o material foram eles é que deram. Onde é que eu registro esse material?', que era o almoxarifado. O camarada da Rockefeller me disse assim, 'olha, esse material é seu'. Eu digo 'eu sei, mas eu sou eu, mas eu pertenço a uma instituição', vou lhe dar um exemplo, se você pegar esse material um dia e botar num barco aí e mandar afundar, nós não temos nada com isso, nós já demos esse material, o material é seu, você faz dele o que você quiser, é seu pessoalmente, aí eu não registrei em lugar nenhum, porque se aqui era indiferente, lá se eu registrasse depois eu saía de lá e, que eu não era de lá. Então, fiquei, ficou comigo e é meu, não tem, assim como as coisas do Centro de Identificação, do Centro de Referência também ia todo em meu nome. Quando eu fui prá Brasília eu levei tudo em meu nome, quando eu fui prá Brasília eu levei tudo, quando eu vim prá cá, trouxe tudo. Então isso indica uma resposta parcial prá esse negócio do entendimento, ninguém se hostilizava, o pessoal do INERu e aqui, mas era inteiramente à parte.

ET - Não havia uma colaboração científica?

WP - Não, nada, nenhuma colaboração, quer dizer, ninguém fazia.

ET - E o Ezequiel Dias em Belo Horizonte?

WP - Não, o Ezequiel Dias houve no tempo, antes de passar pro Estado. Depois que passou pro estado, o estado também não estava interessado, porque ele queria aquilo prá fabricar soros, vacinas e vender. Queria como fonte de renda, tanto que ele saiu, ele passou, no estado ele foi pro Ministério da Agricultura, prá Secretaria de Agricultura, que fazia prá gado, não é? Essa coisa, e foi prá Agricultura, que fazia vacina prá gado, foi prá agricultura prá dar renda, e o Otávio Magalhães um dia me disse que a culpa era dele, porque ele prá poder florear o relatório pro governo, ele dizia a produção; e essa produção era dada, como era aqui também. O governo passou a pagar depois que houve a fundação, a fundação, o instituto fabricava esses produtos e entregava ao governo, com a fundação. Então, devido ao regime, de fundação ela vende ao governo. Antes não, o governo dava verba, mandava fazer, e se o dinheiro não chegasse prá fazer o que o governo pedia, não tinha nada com isso, queria as vacinas. Bom então, lá no, em Minas Gerais era a mesma coisa: o governo dava uma verba, o governo do estado dava uma verba e ele trabalhava. Então no relatório ele resolveu enfeitar e fez uma discriminação, num demonstrativo de quanto valeu aquela profissão naquele ano, em cruzeiros, não é? Isso aí se fosse vendido valeria tanto, então arbitrou um preço prá cada coisa e veio uma renda imensa. Aí disse-me ele que o secretário de Agricultura, acho que era esse Pinheiro, aquele que construiu Brasília, o João Pinheiro, filho do João Pinheiro, o aquele, o Pinheiro que foi o engenheiro do Juscelino, Israel Pinheiro, Israel Pinheiro, é o secretário de cultura. Quando viu aquilo, foi quando ele gritou, 'olha aqui essa fonte de renda que nós estamos perdendo, passa prá Agricultura', aí ele passou e ele passou a vender esses produtos pela secretaria de Agricultura, mas aí, quando eu fui prá lá, a primeira vez... eu já falei a você que o Aragão me disse, 'não vai pro Ezequiel Dias', quer dizer, não tinha nada que ver uma coisa com a outra. Agora houve um tempo que houve uma ligação indireta, foi durante, foi a primeira vez que eu estive lá, depois que eu cheguei. Não, a segunda vez, em 1950; foi em 1950 que eu estive lá e um dia encontrei na rua com o [Francisco de Paula da] Rocha Lagoa, que era pesquisador aqui. O Rocha Lagoa foi convidado lá prá ser diretor do Ezequiel Dias e o Instituto aqui cedeu ele pro governo do estado; ele dirigiu o Ezequiel Dias durante uns

dois ou três anos. Eu encontrei com ele assim uma vez à noite na cidade, na rua, e ele o que... 'você está passeando aqui?', ele disse, 'não eu estou dirigindo o Ezequiel'. Nem sabia, mas isso não foi uma ligação entre o Instituto e o Ezequiel Dias, foi uma coincidência. Um pesquisador daqui, que como eu fui prá Brasília sem ser um convênio, então, mas fora isso, não tinha nada que ver uma coisa com a outra. Agora de outro nível sim, em particular quase, o Amilcar Martins ele era professor da universidade. Nesse tempo ele ainda não era professor, chamava catedrático nesse tempo, ele era assistente da Faculdade de Medicina de Parasitologia, mas ele era do Ezequiel Dias, pesquisador do Ezequiel Dias, ele fez muito trabalho lá sobre esquistossomose e pago por aqui, mas pelo Evandro Chagas, Evandro Chagas tinha um serviço de endemias que era quase que particular porque a verba que ele tinha era toda do Guinle, do Guilherme Guinle, não era de Manguinhos. Manguinhos pagava os funcionários, mas dinheiro prá trabalhar, nesse tempo era o tempo do Cardoso Fontes, não tinha dinheiro. Então o Evandro arranjava essa verba com o Guinle e dava o bastante prá fazer muita coisa, e com esse, desse dinheiro ele tirava, subvencionava o [Lauro] Travassos, subvencionava o Travassos, o Walter Oswaldo Cruz e isso subvencionava vários trabalhos de, sobre esquistossomose e leishmaniose do Amilcar Martinns, lá em Belo Horizonte. Ele fazia os trabalhos como membro do Ezequiel Dias, mas o dinheiro do trabalho prá ir pro interior, fazer excursão prá coletar material, era o Evandro que dava prá ele. Dava dinheiro, eu, várias vezes me pediam, você vai prá cidade, leva essa passagem pro Amilcar e botava no Correio. Uma passagem prá ele ir de um lugar pro outro, passagem de avião, então o Evandro ajudava, mas isso, assim em caráter particular, porque mesmo essa verba do Evandro não era do Instituto, era verba que ele arranjava pessoalmente. Fora isso não tem, não sei de, nunca que eu saiba assim um trabalho comum, um projeto que entrasse gente de lá e de cá, não tinha.

ET - E com a Faculdade de Medicina?

WP - Também não, agora o entrosamento é atual da Faculdade de Medicina com, quer dizer, da Universidade com o René Rachou. Isso já vem antes de ele estar na Fundação. No tempo em que eu estava lá, como diretor, eu mesmo sem convênio, sem nada, eu facilitava, porque naquele tempo, quando eu fui diretor do Instituto, a Universidade não tinha recursos. Nem sei se ela já era federal, talvez fosse, eu acho que já era federal, mas quando o Amilcar se desligou de todo, que ele foi diretor aqui e depois foi diretor do Departamento de Endemias Rurais, quando voltou prá lá, ele ficava na faculdade, não tinha mais ligação, porque ele era só diretor, não é? Acabou diretor, era cargo em comissão, ele ficava na Universidade, prá ele poder trabalhar, pegar os flebótomos dele e estudar. Eu como diretor cedia prá ele um jipe, dois técnicos, dos melhores técnicos que tinha lá prá esse negócio que era o casal Falcão. Cedia o motorista e um coletor, quer dizer, ele tinha seis carros à disposição, prá fazer o trabalho dele de campo, senão ele não podia trabalhar, podia fazer pouquinha coisa, ele não tinha pessoal, não tinha material e algum dinheiro prá excursões, eu cedia assim, para, pessoalmente...

Fim da Entrevista